
**As feiras livres dos municípios de Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina e Domingos Martins como espaço de aprendizagem, pesquisa e ensino de Filosofia e Sociologia.
As dimensões ambiental, cultural, econômica, histórica, científica e tecnológica para o diálogo transdisciplinar.**

Katia Gonçalves Castor (Doutora em Educação e professora EBTT Ifes)

RESUMO

O artigo trabalha na perspectiva transdisciplinar e complexa do currículo. A partir do movimento CTS/CTSA entrelaça dimensões da cultura e da natureza e suas relações históricas, científicas e tecnológicas produzidas nos usos das Feiras Livres.

PALAVRAS-CHAVE: Feira Livre. Filosofia. Sociologia. CTS/CTSA.

ABSTRACT

The article works in the transdisciplinary and complex perspective of the curriculum. From the CTS / CSTA movement it interweaves dimensions of culture and nature and their historical, scientific and technological relations produced in the uses of the Free Trade Fairs.

KEY WORDS: Free Fair. Philosophy. Sociology. CTS / CTSA.

INTRODUÇÃO

O conhecimento do senso comum nos leva inicialmente afirmar que as feiras livres são espaços coletivos de venda de produtos in natura como verduras, frutas, legumes, carnes, temperos, peixes e outros. Mas, para além do senso comum, as feiras livres configuram muito mais do que imaginamos. Nela encontramos espaços de afeto, saberes populares ancestrais, movimentos e trajetórias de vidas, em um permanente diálogo, que apostamos entre aprendizagens, ensino de Filosofia e de Sociologia e pesquisa, com um grupo de alunos do ensino médio no interior do estado brasileiro, o Espírito Santo.

Os sentido e significados que os usos das feiras livres possibilitam e potencializam para o currículo deste nível de ensino e público, foi o que motivou dar início a pesquisa de Iniciação Científica e a criação do projeto de extensão promovido nos editais do Instituto Federal do Espírito Santo, no final de 2017.

A ideia principal foi criar vínculos entre os frequentadores das feiras dos municípios de Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina e Domingos Martins com os alunos do campus Centro Serrano, localizado em Caramuru distrito de Santa Maria de Jetibá, bem como, possibilitar a criação de novas configurações de aprendizagens nas disciplinas Filosofia e Sociologia.

Os laços afetivos criados entre as pessoas, os comerciantes ou os fregueses frequentadores das feiras, sujeitos pesquisados pelos alunos e a garantia da relação entre a teoria e a prática estudada nas aulas, foi possível, pois que as mesmas acontecem semanalmente, bem como as aulas das duas disciplinas.

Os usos e costumes observados possibilitaria verificar a produção da identidade com os três municípios, pois, os alunos são oriundos dos mesmos. A ideia é narrar como nascemos ou vivemos, através dos seus cheiros, barulhos, cores e todas as relações de trocas materiais e simbólicas desenvolvidas nesta prática sócio histórico milenar.

Como objetivo geral nossa intenção foi promover o tripé ensino-pesquisa-extensão, aproximando alunos do Ensino Médio integral do curso Técnico de Administração do campus Centro Serrano com os alunos do curso do Mestrado em Ensino em Humanidades promovido pelo IFES campus Vitória, do qual somos igualmente docente, para contribuir com formação acadêmica e profissional destes sujeitos.

Outro importante propósito foi à realização de pesquisas científicas a partir da temática das Feiras Livres, com o intuito de provocar a produção de conhecimentos, que englobasse as dimensões sócio-histórico, cultural, científico, tecnológico, econômico e ambiental estudado como aporte teórico da disciplina CTS/CSTA e seus artigos acadêmicos.

DO TRANÇAR TEÓRICO

O Movimento CTS/CTSA faz críticas ao currículo escolar que descola a vida dos conhecimentos científicos significativos e que não promovam o exercício da cidadania, o empoderamento cultural e o ambiente e a sociedade sustentável¹.

Outro fio condutor aporte deste trançar teórico com a pesquisa não se desvincula da dimensão da complexidade (MORIN, 2005), que afirma uma postura que concebe o conhecimento tecido junto, que não exclui nenhuma forma de conhecer, que não o coloca estanque nos contextos em que é produzido, mas compreende que todo

¹ O termo Sociedades Sustentáveis advém do Tratado de Educação Ambiental para as Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, documento produzido a várias mãos, de toda parte do mundo, que se comprometem com a proteção da vida no planeta e com a criação de sociedades sustentáveis e equitativas, opondo-se, portanto, ao modelo de crescimento colocado pelo Desenvolvimento Sustentável.

conhecimento é válido na sua multiplicidade e intensidade, sem hierarquização.

Nossa experiência como pesquisadora no campo da Educação Ambiental complexa não desvincula a dimensão da transdisciplinaridade e da complexidade, ambas são dimensões fecundas para a tarefa de pensar e fazer conexões dos múltiplos saberes, de contextos e práticas que destoam das práticas de Educação Ambiental homogeneizante, pois consideramos que esta limita nossa capacidade de imaginação epistemológica, portanto, não colabora para a invenção de novos conceitos e práticas nessa área.

Procuramos encarnar noções que compreendem que as subjetividades não são algo do individual, não pertencem a um indivíduo, mas são fabricadas socialmente e circulam nos conjuntos sociais, neste sentido, os usos das feiras livres são promotores de sentidos fecundos para compreendermos a sociedade que vivemos e a sociedade que queremos viver. Assim como o CTS/CTSA e a Educação Ambiental não operamos na lógica dual do pensamento e da ação, nem da vivência da existência. Concordamos com Tristão (2013) que a demanda pela sustentabilidade mudou as prioridades da ciência e da educação: a meta agora é, ao invés de dominar a natureza, reestabelecer a interação entre esta e a sociedade. Questionamos os discursos envolvidos pelas falácias e pelos enganos do império capitalista, como o discurso do Desenvolvimento Sustentável².

Para Carvalho (2009), o sujeito, na tradição filosófica e nas ciências humanas, encontrava-se no domínio de uma suposta natureza. A autora complementa dizendo que, para contrariar essa questão, autores como Guattari e Rolnik argumentam sobre um novo delineamento para o sujeito: uma subjetividade modelada, recebida, consumida ou uma subjetividade de natureza industrial, visto que as forças que administram o capitalismo concebem a subjetividade como mais importante do que qualquer outro tipo de produção. Para Guattari (1997), *a autêntica revolução política, social e cultural*, para além das relações visíveis da produção dos bens materiais, deverá acontecer no nível molecular das sensibilidades, das inteligências e do desejo, nas reivindicações das singularidades antes marginais.

Para Guattari (1997, p. 15-16), a ecosofia social consiste em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a:

“reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, na reconstrução das modalidades do ser-em-grupo pelas

² Esse discurso faz composição com as grandes corporações multinacionais, com as economias verdes, com as políticas neoliberais.

mutações existenciais. O autor sinaliza que a ecosofia mental deverá [...] reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o tempo que passa, com os mistérios da vida e da morte, como antídoto para uniformização midiática e telemática, as manipulações da opinião pela publicidade e pelas modas” (GUATTARI, 1997, p. 16).

Nesse sentido, o filósofo colabora para reafirmar a urgência de outra lógica quando nos alerta: *Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar transversalmente as interações entre ecossistemas, mecosfera e Universos de referência sociais e individuais* (GUATTARI, 1997, p. 25).

Romper com o conhecimento fragmentado, problematizar as promessas modernas do progresso a qualquer preço, valorizar o pensamento que supera os limites da ciência moderna que compartimentou os saberes, ampliar o diálogo com outras racionalidades e realizar um mergulho na fenomenologia a partir da abordagem complexa do conhecimento, nos leva a colocar em análise os discursos de que, o que nos separou da natureza foi uma racionalidade científica que nos impediu de enxergar as múltiplas vozes das múltiplas culturas, ou de outras lógicas não visibilizadas, esta é nossa proposta neste trabalho com a pesquisa dos usos das feiras nestes três municípios.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para esta empreitada propomos alguns objetivos específicos: Mapear as Feiras livres do município de Santa Maria de Jetibá, Santa Leopoldina, Marechal Floriano e Domingos Martins; Realizar entrevistas com moradores da região e com o público comerciantes e frequentadores das Feiras Livres; Identificar com o público alvo, quais usos que fazem da Feira e temas de maior interesse e prioridades para o fomento destes usos; Identificar o cenário das Feiras Livres no âmbito dos panoramas social, político, econômico e cultural e ambiental; Identificar quais as dinâmicas de ocupação dos espaços das Feiras Livres; Registrar com uso de fotografias, Diário de bordo e entrevistas os contextos vividos pelo pesquisador; Entrevistar órgãos e instituições públicas responsáveis pelo espaço das Feiras.

No trabalho e em nossa pesquisa, partiremos dos pressupostos freireanos, que considera a educação como processo permanente, cotidiano, coletivo e dialógico que nos conduz a reflexão para transformação da realidade (FREIRE, 2013, p.52).



A organização da práxis curricular adotada no projeto dos Usos das Feiras Livres terá um cunho transdisciplinar voltada para a criação junto os sujeitos envolvidos na pesquisa de temas geradores. De modo que possamos promover e valorizar o conhecimento dos alunos, seu contexto social, cultural, ambiental e científico em articulação com os saberes tradicionais da região serrana do estado do Espírito Santo. Além de proporcionar o efetivo trabalho educativo e pedagógico articulado com a participação ativa deste processo, de modo a contribuir com a formação crítica e cidadã de todos envolvidos.

AS MULTIPLAS DIMENSÕES DO CONHECIMENTO TRANSDISCIPLINAR: A FILOSOFIA E A SOCIOLOGIA COMO CAMPO POTENTE DE SABERES

Não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana. Tudo é feito no sentido de esmagar sob uma camada de silêncio as lutas de emancipação das mulheres e dos novos proletários que constituem os desempregados, os marginalizados, os imigrados.

(GUATTARI, 1997, p. 27).

O paradigma ocidental caracteriza-se prioritariamente por uma racionalidade com viés científico produzido a partir das revoluções do século XVI, primeiro nas ciências naturais, estendendo-se mais tarde, somente no século XIX, às ciências sociais.

Esse paradigma constituiu-se por características totalitárias, ao submeter todo o conhecimento subordinado à dimensão da razão objetiva em detrimento da dimensão da emoção e da subjetividade.

Consolidando-se no caráter racional todos os fenômenos, ocorre a preponderância do discurso da ciência moderna em detrimento de outras formas de conhecimento e lógicas, que não são pautadas pelos seus princípios epistemológicos e por suas regras metodológicas. Essa dimensão cartesiana do conhecimento funda o sujeito moderno e sua maneira de ser, estar e pensar em si e no mundo. Guattari (1997, p. 32) coloca que a ecologia social e mental enfrenta como problema-chave a *introjeção do poder*

repressivo por parte dos oprimidos. Esse modelo repressor é atualizado em cada instância do *socius* através da desterritorialização do poder capitalista que se expande na vida social, econômica, cultural e ambiental.

A ciência moderna desconfia das evidências da experiência imediata. Sua perspectiva e seu discurso convertem a Terra de modo passivo, eterno e reversível, atributos necessários, segundo essa racionalidade, das condições para conhecê-la, controlá-la e dominá-la. A natureza se descola do ser humano pela via das ideias racionais e passa a ser objeto de manipulação, opressão e recurso.

As ideias racionais presidem a observação e a experimentação. Segundo essa racionalidade, pode ascender um conhecimento mais profundo e rigoroso da natureza. Há o predomínio das ideias matemáticas que, ao fornecerem o instrumento privilegiado de análise e a lógica da investigação, adquirem valor inquestionável.

O campo do conhecimento da Matemática colocada no centro epistemológico e metodológico na relação do ser humano com a natureza se estende em duas consequências: a primeira considera que conhecer é quantificar pela medição, desqualificando as qualidades subjacentes ao objeto, portanto, tudo o que não for quantificável, será cientificamente irrelevante; a segunda consequência é metodológica. O ato de conhecer só é possível pela redução dos fenômenos. É necessário, então, dividir e classificar os fenômenos para depois determinar as relações sistemáticas entre o que se separou. O mundo então adquire características mecânicas, que podem ser determinadas por meio das leis da Física e da Matemática e, após a sua decomposição, chegar à verdade.

Essa ideia de mundo máquina e de verdade absoluta se transforma na grande hipótese da modernidade, que é traduzida nos discursos pelas ideias de progresso como pré-condição da transformação do real. O pensamento mecanicista potencializa o conhecimento utilitário e funcional de todas as relações do ser humano e da natureza, que reverbera menos pela capacidade de compreensão do real do que pela capacidade de dominação dos saberes.

A época conhecida como Época das Luzes criou condições para fazer emergir as ciências sociais do século XIX. Fundada nas ideias positivistas, privilegiou duas formas de conhecimento: o científico, materializado nas disciplinas formais da Lógica e da Matemática, e o das ciências empíricas, segundo o modelo mecanicista das ciências naturais. Contudo, para o filósofo Morin, a crise engendrada do paradigma cartesiano dominante foi resultado do grande avanço do conhecimento que esse modelo

propiciou (MORIN, 2005d).

Aprofundar esse conhecimento é perceber a fragilidade dos pilares em que ele se fundou. A hipótese do determinismo mecanicista é inviabilizada, uma vez que a totalidade do real não se reduz à soma das partes; essa soma é maior e menor, como preconiza a teoria da complexidade (MORIN, 2005d).

O campo epistemológico e metodológico do conhecimento complexo exclama que o princípio da ordem se dá por meio de flutuações no campo de incertezas, em sistemas abertos, sistemas que funcionam na margem da estabilidade e que desencadeiam reações não lineares, conduzindo a um novo estado, produzindo auto-organização numa situação de não equilíbrio (MORIN, 2005)

Esse novo modo de perceber as relações na sua complexidade, a partir de outra racionalidade, vem contrapor toda herança da Física clássica e abalar modos de compreensão da realidade. Características, como a imprevisibilidade ao invés do determinismo, a incerteza ao invés do mecanicismo, a auto-organização, a desordem ao invés da ordem e a invenção, recuperam conceitos abandonados. Contudo, nem sempre predominou a ideia posta pela modernidade. Esta se constitui de um modo histórico e socialmente produzido.

Compreendendo que outras veias se abrem na experiência do ser humano com o conhecimento que a produz, a precisão perseguida pelo modelo representacional que atravessa toda a produção da história do pensamento moderno será abalada por outras narrativas. As narrativas não autorizadas resistem e criam zonas de abertura que atravessam o discurso pelas margens, nas fronteiras. Deste modo, apostamos do entrelaçar de dimensões que se articulam, criam campos novos de perceber, viver e sentir o mundo que vivemos.

A Dimensão Histórica: A palavra feira teve origem na palavra em *latim feria*, que significa "dia santo ou feriado" e a palavra freguês, usada para tratamento dos consumidores de feira livre, originou-se também do *latim filiu ecclesiae* que significa "filhos da igreja". Assim, no início, as pessoas ou fiéis aproveitavam as festas religiosas para se reunirem e para trocarem mercadorias. Sua origem é incerta, embora os historiadores afirmem a presença desse evento social desde 500 a.C., em algumas civilizações antigas, tal qual a fenícia, grega, romana, árabe.

Mais adiante, no fim da Idade Média (entre os séculos XI e XIV), os burgos (cidade medievais amuralhadas) representaram o local de origem das **feiras medievais**, de forma que se desenvolveram a partir da intensificação do comércio a partir do século XI, e mais adiante com o surgimento da burguesia e do crescimento demográfico. O sistema feudal, baseado sobretudo na troca, foi substituído pela comercialização dos produtos, posto que o excedente de produção dos feudos, que cada vez mais sofriam com a fuga dos trabalhadores, passaram a servir para venda.

Esses locais destinados à comercialização dos produtos dentro dos burgos, eram

denominadas de “**feiras livres**”, donde os mais variados produtos eram expostos à venda. Entre as principais feiras medievais estão a de Champagne, na França e a de Flandres, na Bélgica.

No Brasil A tradição das feiras livres no Brasil consta desde a colônia, com a chegada dos portugueses. Nelas reúnem todo tipo de atividades comerciais, como também atividades culturais. Apesar da chegada dos hipermercados e shopping centers urbanos, as feiras se mantem vivas, como espaços culturais criativos e de vida.

Entre as maiores e mais tradicionais feiras do país, merecem destaques: a maior feira livre do Brasil e da América Latina chamada “Ver-o-Peso”, que ocorre desde o século XVII, na cidade de Belém, Pará; e, a Feira de Caruaru, em Pernambuco, uma das maiores feiras ao ar livre do Brasil, iniciada no final do século XVIII. Ambas foram consideradas de grande importância histórica, e por isso, indicadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), patrimônio imaterial do Brasil.

Com o passar do tempo, o conceito “Feira” se expandiu e atualmente existem diversos tipos de feiras espalhadas pelo mundo, por exemplo, as feiras temáticas: Feira de Antiguidades, Feira de Animais, Feira Orgânica, Feira de Vinhos, Feira Hippie, Feira de Negócios, Feira Literária.

A Dimensão Ambiental: A feira permite o exercício de um espaço democrático e diversificado, pois, acolhem todo tipo de pessoas e classe social distinta como grandes produtores e pequenas famílias agrícolas. A localização das feiras também garante esta diversidade, pois, podemos encontrá-la em bairros considerados nobres como bairros mais carentes.

Nas Feiras encontramos todo o processo de produção dos hortifrutigranjeiros, sendo espaço profícuo para os estudos da produção destes alimentos e das rotas de distribuição para toda população.

A Dimensão Cultural: Algumas feiras espalhadas pelo Brasil são consideradas patrimônio cultural daquele estado. Os turistas tem a obrigação de visitá-la. Nela encontraram comidas típicas daquela região, ou mesmo, seus artesãos que in lócus, realizam seus artesanatos. *Segundo Dolzani (2008) as feiras livres destoam na paisagem moderna das cidades, mas mesmo assim resistem nessa paisagem contemporânea, pode-se dizer, por dois motivos: por um lado há os que precisam sobreviver materialmente (feirantes) e por outro lado há aqueles que zelam pela sobrevivência sociocultural. Por isso a autora diz que a feira livre é como uma filha rebelde da modernidade que insiste em desafiá-la”.*

A Dimensão Científica: “De acordo com Miriam C.S Dolzani, a feira livre representa uma experiência peculiar de sociabilidade e de uso da rua, que há décadas vem sofrendo acusações de obsolescência devido ao modernismo, o aumento do número de automóveis nas ruas e das novas formas de varejo, como vendas pela internet, o surgimento de grandes supermercados e Hortifruti. (Dolzani, 2008)

Zigmud Bauman, sociólogo falecido em 2017, alertou que “a modernidade é definida como a época, ou estilo de vida, em que a ordem depende do desmantelamento da ordem “tradicional”. (BAUMAN, 1998, pag. 24)

A feira, portanto, seria um dos poucos espaços que desafiam esta ordem e prima pelas práticas tradicionais de produção de cultura e cidadania. A Feira é um espaço de produção de cidadania, cultura, e conhecimento que nos permite problematizar: A feira como espaço de potencial fomento da cultura popular dos povos que nela estão no entorno; Um espaço rico para potencializar o debate dos acontecimentos e eventos da cidade; Como espaço de resistência ao longo do tempo que resiste aos valores modernos de exclusão das culturas tradicionais e dos usos de espaços públicos.

A seguir apresentaremos o Quadro geral das abordagens e das dimensões que serão

priorizadas e eleitas pelos alunos.

ABORDAGEM CTS/CTSA	CONTEXTO
QUESTÕES SOCIOCIENTÍFICAS	Pesquisas científicas: a escola vai a feira; Rotas dos alimentos: da produção ao consumo; Presença de agrotóxicos e seus males para a saúde humana e do ambiente; O espaço educativo informal das feiras e os processos de produção de novos saberes: a Feira como espaço educativo;
QUESTÕES SOCIOTECNOLÓGICAS	Tecnologias da produção e consumo na agricultura e no turismo sustentável; Tecnologias de usos das Feiras Livres para o Turismo da região; Tecnologias da Informação dos uso das Feiras Livres para a cultura da região. Empreendedorismo e inovação no espaço da feira
QUESTÕES SOCIOCULTURAIS / SÓCIO- HISTÓRICAS	História das Feiras na Antiguidade, na Idade Média, na Idade Moderna e na contemporaneidade; História das Feiras Livres no mundo, no Brasil e nos municípios; Potencialidades do artesanato praticado nas Feiras Livres; A relação do produtor com o consumidor: trocas e reciprocidades A arte na Feira;
QUESTÕES SOCIOECONÔMICAS	Segurança Alimentar & custo dos alimentos; Uso e apropriação dos espaços da Feira Livre nos Município; O papel dos órgãos municipais e estaduais para fomento das Feiras Livres; As relações do trabalho nas Feiras Livres
QUESTÕES SOCIOAMBIENTAIS	Processos e Territorialidades da Cultura Local e global e vice-versa; O curso das águas nas regiões serranas e as Feiras Livres; A fragmentação do pensamento hegemônico presente nas Feiras Livres; Histórias de vida nas feiras;

Figura1 – Quadro Geral Dimensões do conhecimento

O governo da ciência moderna, durante três séculos, produziu – e ainda produz – um modo de viver como se estivéssemos apartados da natureza. Isso significa dizer que, embora sejamos a natureza, constituídos de tudo que nela existe, muitas vezes temos essa percepção de maneira fragmentada, descontextualizada do nosso entorno. As dimensões da cultura e da natureza não estão dissociadas, mas visceralmente ligadas.

Apostamos que as dimensões estabelecidas no quadro geral contribuirão para desfazermos o equívoco colocado pela ciência moderna, pois a cultura está na natureza assim como a natureza está na cultura.

No final do ano letivo de 2017 em reunião com o grupo de pesquisa elegemos as abordagens que priorizaremos em 2018 para estudarmos. O grupo é composto por cinco alunos do ensino médio e três alunos do curso de Mestrado em Humanidades, todos do Instituto Federal do Espírito Santo. A pesquisa esta em andamento e devidamente inserida nos currículos dos dois cursos.

PARA NÃO CONCLUIR: ARTE NA FEIRA

A questão fundamental da cultura como sendo terreno da política, é um lugar onde o poder é produzido e disputado, empregado e contestado e compreendido não apenas em termos de dominação, mas também de negociação. Política, cultura, ética e estética são dimensões complexas, que abrem a estratégia narrativa para o surgimento da negociação e nos incita a pensar além dos limites da teoria (CARVALHO, 2009).

Essa mesma autora sugeriu “*escrever ao contrário*” e recorrer a uma intervenção não articulada simplesmente às ausências de histórias e de narrativas marginalizadas, mas também às narrativas dominantes contra elas próprias, para compreender o momento de ruptura, que é o momento pós-colonial. Advertiu que a questão da educação formal/não formal ou informal tem suscitado análises e construído espaços de avanços, resistências e equívocos – são diferentes faces do mesmo fenômeno.

É dia de feira é dia de fazer arte. É dia de viver a vida como uma obra de arte, assim já dizia o filósofo Gilles Deleuze inspirado em Nietzsche. Então faremos composições antes não pensadas, faremos composição com a poesia.

Artigo XIII³

Fica decretado que o dinheiro
não poderá nunca mais comprar
o sol das manhãs vindouras.
Expulso do grande baú do medo,
o dinheiro se transformará em uma espada fraternal
para defender o direito de cantar
e a festa do dia que chegou.

³ Estatuto do Homem de Thiago de Mello.



Figura 2 – Vista da Praça de Santa Maria de Jetibá

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e. **Fazendo a Feira: estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da Feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG** . 2009 . 135f. Dissertação

CARVALHO, Janete. Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Brasília, DF: DP et Alii, 2009.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria . Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, Bernard. **A noção de relação com o saber: bases de apoios teóricos e fundamentos antropológicos**. In: CHARLOT, Bernard (Org). Os jovens e o saber, perspectivas mundiais

FREIRE, Paulo. A Educação na Cidade. 5ª Edição. São Paulo: Editora Cortez, 2001

GADOTTI, Moacir. **Cidade educadora e educanda** Revista Pátio , ano X, nº 39, agosto/out, 2006, Uniararas, Araras, São Paulo.

GONÇALVES, Alexandre Oviedo; ABDALA, Mônica Chaves. **'Na banca do 'seu' Pedro é tudo mais gostoso' - Pessoaalidade e sociabilidade na feira - livre**. Ponto.Urbe (USP) , v. 2, p. 1 - 7, 2013.

GUATTARI, Felix. **As três Ecologias**. Papirus. Campinas. São Paulo. 1997

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Ordenando o espaço público: a criação das feiras livres na cidade do RJ**. cripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales. Universidade de Barceona, v.8, n.194, Agosto de 2005, p. 30 - 45.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **Negociando os usos e sentidos da rua: trajetória e representações da feira livre carioca**. In: CARRERAS, C.; PACHECO, S. M. M.

(Orgs.). **Cidade e comércio: a rua comercial na perspectiva internacional.** Rio de Janeiro: Armazém das Letras, 2009

LUCENA, Thiago Isaias Nobrega de; CRUZ, Dalcy da Silva. **Lugares que educam: o aprendizado nas feiras livres.** Revista Interle - gere, Natal, Rio Grande do Norte, n.8, p.1 - 13, jan/jun.2011

MASCARENHAS, Gilmar; DOLZANI, Mirian C.S; **Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea.** Ateliê Geográfico , Goiânia - GO, v.2, n.4, p.72 - 87, agos. 2008.

MATOS, Benedito Eivaldo de Souza. **O centro da periferia: um recorte espacial da feira livre do Pedregal.** Distrito Federal. (IH/GEA/UnB, Licenciatura. Geografia, 2012).

MORIN, Edgar. **O método 4 - as idéias: habitat, vida, costumes, organização.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Porto Alegre, Sulina. 2005

MOTT, Luiz . **Feiras e Mercados: Pistas para pesquisa de campo.** In: FERRETI, SERGIO. (Org.). **Reeducando o Olhar: Estudos sobre Feiras e Mercados,** São Luiz: Edições Universidade Federal do Maranhão, 2000, v., p. 13 - 34.

REIS, Fernanda; VIEIRA, Soraya Maria Ferreira. **Tudo Junto: pessoas, relações e peculiaridades na feira livre de Viçosa.** In: ANAIS . Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção .** - 4. ed. 2. reimpr - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994

SATO, Leny. **Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre.** Psicol. Soc. [online], v.19, n.spe, pp. 95 - 102, 2007.

SILVA, Francisca Eliana Santos da. **A "Pedagogia" da Feira Livre de São Bento: narrativas, saberes e práticas educativas na cidade de Cascavel .** 2014, 100f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós - graduação em Educação Brasileira, Fortaleza (CE), 2014

VEDANA, Viviane. **“Fazer a feira”:** estudo etnográfico das —artes de fazer de feirantes e fregueses da feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre . Dissertação (Mestrado). Programa de Pós - Graduação em Antropologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2004. 251p

